


**VARIAÇÕES SOBRE O LAZER: REFLEXÕES SOBRE A CONCEPÇÃO
LAZER-TRAMA A PARTIR DAS ESQUIZOGRÁFIAS DE FAVELA**

Recebido em: 08/02/2025

Aprovado em: 23/05/2025

Licença: 

Renan de Lima da Silva¹

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Caxias do Sul – RS – Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9468-9870>

Maria Luiza Cardinale Baptista²

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Caxias do Sul – RS – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7096-1160>

RESUMO: o texto tem caráter ensaístico e objetiva apresentar, base epistemológica para o lazer-trama, como variações sobre o lazer a partir do Ecossistema favela. Em termos teóricos a orientação é ecossistêmica-complexa. O prisma é da Esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2004), a partir da proposição conceitual Esquizografias, aplicada ao lazer na favela, tendo como inspiração as variações sobre o prazer de Rubem Alves (2011). Metodologicamente usamos a Cartografia dos Saberes e as Matrizes Rizomáticas (Baptista; Eme, 2023). As trilhas cartográficas apresentam constituição mutante e esquizográfica, enquanto as Matrizes se apresentam como quadro síntese que ajuda a sistematizar a escrita. Como considerações, apresentamos a forma como as Esquizografias do lazer da favela sinalizam para a necessidade de reconhecer e ampliar as variações sobre o lazer, desde a sua trama do avesso, como proposto por Baptista (2021a).

PALAVRAS-CHAVE: Lazer-Trama. Esquizografias. Favela. Desejo. Prazer.

**VARIATIONS ON LEISURE: REFLECTIONS ON THE LEISURE-PLOT
CONCEPT BASED ON THE SCHIZOGRAPHS OF FAVELAS**

ABSTRACT: the text has an essayistic character and aims to present the epistemological basis for leisure-plot, as variations on leisure from the favela Ecosystem. In theoretical terms, the orientation is ecosystemic-complex. The prism is the Schizoanalysis of Deleuze e Guattari (2004), based on the conceptual proposition

¹ Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Tecnólogo em Gestão do Turismo pela Universidade Federal do Pampa.

² Doutora em Ciências, pela Escola de Comunicações e Artes da USP, com Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura do Amazonas (PPGSCA-UFAM). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Editora da Revista Conexão – Comunicação e Cultura. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS).

Schizographies, applied to leisure in the favela, taking as inspiration the variations on pleasure by Rubem Alves (2011). Methodologically we used the Cartography of Knowledge and Rhizomatic Matrices (Baptista; Eme, 2023). The cartographic trails present a mutant and schizographic constitution, while the Matrices present themselves as a synthetic framework that helps to systematize the writing. As considerations, we present the way in which the Schizographies of favela leisure signal the need to recognize and expand the variations on leisure, from its inside out plot, as proposed by Baptista (2021a).

KEYWORDS: Leisure-Plot. Schizographies. Slum. Desire. Pleasure.

Introdução

Fui provocado e como ato de provocação provoqueei mutuamente. Da tensão criada pela provocação entre os autores deste texto, a intenção é produzir um estudo provocativo. Para tanto, gostaríamos de iniciar tomando emprestada as palavras de Rubem Alves (2011, p.18), “O meu corpo não está todo neste livro” e, no caso aqui, não habita só esse texto.

Assim sendo, da mesma inspiração emprestada pela frase, de “Variações sobre o Prazer” de Rubem Alves, vamos falar sobre variações sobre o lazer. Da provocação de escrever sobre o indescritível, de percepções que não se orientam sistematicamente, foi proposto falar sobre um lazer construindo pontes entre teorias já consolidadas epistemologicamente, e as variações abstratas que, a partir de Esquizografias de Favela (Silva; Baptista, 2022), somos capazes de perceber nas brotações desejantes de lazer desse lugar (Favela).

Quando falamos de produções, falamos de produções em nível abstrato e subjetivo também, e que, portanto, são elementos dissipativos e fractais impossíveis de serem catalogados plenamente, separados, ou mesmo segregados, como uma fotografia de momento. Neste ponto, é importante lembrar que esquizografias são grafias plurais, produzidas em várias direções, a partir de interações intensas e sensíveis. Quem produz esquizografias escreve a partir de multiplicidades e intensidades esquizo, ou seja, que

brotam e derivam de e em múltiplas direções. Assim seguimos, esquizografando Turismo e Lazer em favelas no Rio de Janeiro, Brasil, em pesquisa em nível de doutoramento, no Sul do Brasil.

Como foi dito, no entanto, o corpo não habita só este texto, e aqui começamos nossas primeiras subjetivações, melindres e malandragens³ de quem anda por becos e vielas⁴. Trata-se de notar que, dessa provocação, se dá uma inquietação sujeita e não assujeitada, que aqui nos interessa em relação à produção em usina, mas que, ao mesmo tempo, é provocada. Dessa condição surge a percepção de que, na favela, para a favela, o fazer lazer é brotação espontânea em território de intempérie (Silva; Baptista, 2022).

Da ordem segregatória das variações sobre o lazer, a partir do prisma do direito ao lazer (Carvalho; Vargas, 2010), há segregação que expõe periféricamente a favela em condição ‘falta’/desejo. Os sujeitos favelados, entretanto, realinham e condicionam ‘potência’/desejante, a partir da lógica do desejo apresentada por Deleuze e Guattari (2004). Como quem aprende a lidar com a falta, para poder fazer transbordar (Bob do contra *et al.* 2018), o lazer se inscreve na favela em dinâmicas fractais e subjetivas, que não aparecem estruturadas socialmente como orientam o sentido dos estudos do lazer.

Assim, nos parece imprescindível um texto que seja capaz de apresentar essas variações, como próprias de um cotidiano que não se inscreve em cotidianidade. Na prática, isso significa um cotidiano que tem e é recheado de condições adversas, em que o que é comum ou ordinário, é o inesperado, e, portanto, se inscreve a partir do extraordinário. Como apresentado por Morin (2020), a única certeza possível é a

³ A expressão aqui é utilizada em sentido específico de reconhecimento dos movimentos de sujeitos que, e quando, vivendo em condições de intempérie, ainda assim fazem brotar condições de vida. Se trata de perceber que os limites da ‘mal-andagem’, nesse caso, são jeitos de caminhar, vislumbrar e ampliar as possibilidades e potencialidades da ‘andagem’... por becos e vielas, em condição de potência e devir.

⁴ Becos e Vielas aqui é uma dupla conceitual desenvolvida amplamente na Tese de doutoramento que é matriz de brotação deste texto e de outros apresentados. Ressaltamos, que esta dupla conceitual precisa ser entendida em sentido literal e metafórico, sendo ao mesmo tempo apresentada como materialidade, e como condição de luta pela sobrevivência em territórios de intempérie.

condição de incerteza, condição complexa e tão bem-marcada após o momento pandêmico.

Sendo assim, o que apresentamos aqui é um ensaio, que é deriva dos estudos de Doutorado de um dos autores, orientado pela outra autora cujo tema são as Esquizografias de Favela do Rio de Janeiro Brasil. Apresentamos aqui, especificamente, ensaios, discussões e reflexões inspiradas pelas *Variações sobre o Prazer* de Rubem Alves (2011), com o objetivo de apresentar base epistemológica para o lazer-trama, o lazer em sua trama de complexidades, considerado aqui como variações sobre o Lazer, a partir das Esquizografias do lazer favela.

Nesse sentido, buscamos apresentar bases epistemológicas de estudo sobre o Lazer, orientando a construção de pontes entre conhecimentos (Santos; Meneses, 2010). Trata-se de tentar construir pontes sobre as variações possíveis de serem percebidas, a partir dos saberes e fazeres da favela.

Como matriz dessa Ecologia de Saberes (Santos; Meneses, 2010), está o reconhecimento a partir da Esquizoanálise (Deleuze; Guattari, 2004), de que, na brotação desejanse da favela, os movimentos são subjetivos e desde o inconsciente, em direções que são não lineares, mas dissipativas, fractais, como característica singular de sujeitos que aprenderam a existir transitando entre becos e vielas.

O texto que se segue tenta captar e sintetizar esses fractais dissipativos, demonstrando essas variações, como elementos de variação esquizográfica do lazer no ecossistema favela. Para tanto, apresentamos nossa concepção epistemológica sobre o Lazer; posteriormente as considerações sobre as Esquizografias, que aproximam, em dinâmicas, os universos existenciais da favela, do lazer e até mesmo do turismo; e finalmente, apresentamos sinalizadores das variações sobre o lazer, a partir de narrativas

contadas por um dos autores do texto, sobre os elementos singulares que ajudam a fazer brotar este ensaio reflexivo.

Prazeres Metodológicos, Cartografar o Que se Deseja

Consideramos tratar esse tópico em relação à posição e ao título, como continuação das possibilidades de provocações deste texto. A questão é que, como texto ensaístico, não poderíamos propor a partir de reflexões teóricas e constatações empíricas fractais que aparecem ao longo do texto, uma tentativa de posicionar metodologicamente o texto apenas depois de apresentar as reflexões teóricas.

Além disso, como variações sobre o prazer, característica hedonística apresentada por Rubem Alves (2011), o texto que se segue tem em si o reconhecimento de dimensões do prazer dos sujeitos que o escrevem. Trata-se, ao mesmo tempo, de traços subjetivo-afetivos alinhados com matrizes epistemológico-teóricas, que ajudam a refletir o Lazer no surgimento da trama de desejos, nas condições existenciais possíveis, tanto do universo existencial dos pesquisadores quanto do universo investigado.

Como derivação de pesquisa em desenvolvimento em nível de Tese de doutoramento, está em pauta aqui a intenção de reforçar o conceito Esquizografias de Favela (Silva; Baptista, 2022; 2023), ampliando o mesmo no acoplamento com o conceito de Turismo-Trama de Baptista (2021a), apresentando variações sobre o lazer a partir das Esquizografias de favela.

Dessa forma, como em outros anos no Seminário ANPTUR, falamos inegavelmente de Favela como matriz de brotação espontânea em território de intempérie (Silva & Baptista, 2022). Reconhecemos que, dessa brotação, surge uma significação próxima à condição da favela como potência desejante, de matriz

constituída no desejo como força e não como falta, como apresentado por Deleuze e Guattari (2004).

Ainda assim, essa potência da favela brota de maneira dissipativa, esquizo, fractal, como próprio do movimento de uma grafia de inserção partida e, muitas vezes, descontinuada. As Esquizografias, para serem percebidas, sinalizadas e apresentadas, demandam estratégias metodológicas que reconheçam o seu caráter fractal e se adaptem a suas características de mutação.

Por conta disso nos valem das estratégias metodológicas criadas por Baptista (2014) e atualizadas pela autora com a participação de Eme, na demonstração da utilização das estratégias (Baptista; Eme, 2023). As estratégias são a Cartografia dos Saberes e as Matrizes Rizomáticas. A Cartografia dos Saberes propõe cinco grandes trilhas que acompanham a mudança da paisagem da pesquisa e orientam o caminhar pelos Becos e Vias, que são aqui esquizografados. A primeira, a Trilha Trama Entrelaços Nós da Pesquisa, envolve as palavras-chave do estudo e transversaliza todo o processo de escrita. Desse processo, derivam as quatro trilhas seguintes; Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva relaciona-se com o reconhecimento dos saberes adjacentes, as vivências e experiências do pesquisador; Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica, que representa a ‘com-versação’⁵ com os autores que fundamentam a pesquisa; a Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazer refere à dimensão técnica de produção da pesquisa; e a Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa refere-se à trama de entrelaçamentos e ao processo de descoberta espontâneos, que envolvem sentidos e sentires para além dos objetivos e físicos.

⁵ ‘Com-versações’ aqui é apresentado como no sentido apresentado por Baptista (2021b), em que a autora toma como inspiração a lógica ontológica de Humberto Maturana para o sentido de ‘com-versações’ como ato de dar voltas juntos. Nessa direção, a autora propõe que esse sentido está imbricado em uma lógica relacional que compõe ‘nós’ de encontros e significações entre lugares e sujeitos que ‘com-versam.’

Com relação às Matrizes Rizomáticas, elas são uma espécie de síntese da pesquisa em quadros, vistos e revistos recursivamente para verificar a coerência interna e o fluxo narrativo. Apresentam-se como orientação e segurança para pesquisas qualitativas fractais, e, no caso aqui, foram adaptadas a partir do objetivo deste texto, como forma de orientar o processo de escrita e reflexão desenvolvido.

Quadro 1: Matrizes Rizomáticas adaptadas para o artigo

Título	Foco ou Delineamento de Estudo	Objetivo Geral	Entrelaços nós	Trama de autores	Trilha de seções
Variações sobre o Lazer: reflexões sobre a concepção lazer-trama a partir das Esquizografias da Favela	As variações sobre o lazer com reflexões sobre a concepção lazer-trama das Esquizografias do lazer da favela.	Apresentar a partir das Esquizografias da favela, base epistemológica para o lazer-trama como variações sobre o lazer.	Lazer Lazer-Trama Esquizografias Prazer Favela Desejo	Gomes Marcellino Baptista Silva e Baptista Deleuze e Guattari Rubem Alves Silva e Baptista Deleuze e Guattari	Introdução Trilha metodológica Variações sobre o lazer Desejo e lazer Considerações finais

Fonte: produzido pelos autores, adaptando a Matrizes Rizomáticas de Baptista e Eme (2023)

Em termos operacionais, além da cartografia bibliográfica, a esquizografia, em si, além de ser proposição epistêmica, é orientação de agenciamento de procedimentos. Isso implica a utilização de múltiplos dispositivos, recursos e materiais, também a partir de múltiplas fontes: sujeitos da favela, fotografia, músicas, textos teóricos, mas não só, buscas na internet de registros do universo investigado.

Variações sobre o Lazer: Fundamentos Epistemológicos

Como apresentado por Gomes (2008), nos estudos sobre o Lazer, historicamente houve uma produção escassa com relação à bibliografia científica até a década de 1970.

A autora (Gomes, 2008), apresenta que o Lazer em muito foi tido como supérfluo e algumas vezes desconsiderado, com relação a sua importância em relação ao bem-estar social.

Entende-se a partir de Gomes (2008) e Carvalho e Vargas (2010), que esse cenário começa a mudar do ponto de vista científico, com a inserção de debates sobre o Lazer, marcados nas conferências dadas por Requixa e Dumazedier promovidas pelos SESC SESI,⁶ no fim da década de 1960 e início da década de 1970.

Nessa época, percebe-se uma ênfase de estudos estruturalistas no universo das pesquisas sobre o Lazer, tendência que permanece até os dias de hoje (Gomes, 2023). Pode-se encontrar, no entanto, em alguns estudos, uma certa matriz de complexidade. O problema é que, em muitos momentos, essa matriz de complexidade é negligenciada, por conta dos paradigmas científicos vigentes que foram hegemônicos no estudo do Lazer no país, desde o século passado.

Vale dizer, então, que este é um dado, mais do que uma crítica. A visão teórica predominante surge em coerência com o ecossistema vivido. Nesse sentido, as orientações epistemológico-teóricas, na deriva dos estudos sobre o Lazer, seguem linhas paradigmáticas predominantes e uma espécie de contaminação do pensamento hegemônico, relacionado às práticas desse universo.

O ponto a ser ressaltado aqui, nesse sentido, está na direção e no caráter estanque que o universo de atuação sobre o Lazer pode representar. Alguns exemplos estão nas classificações e validações, como lógica de saberes possíveis relacionados ao lazer. Não é raro depararmo-nos com frases como: “isso não é lazer”; “isso é libertinagem”; “isso é só desculpa para não trabalhar”; ou ainda “para que isso, se o mais importante é a economia”. Essas frases aparecem como fluxos de atravessamentos

⁶ Sesc - Serviço Social do Comércio, Sesi - Serviço Social da Indústria.

narrativos que contaminam sociedade, cultura, economia, política etc. Há sintonia aqui com o pensamento de Guattari (1985)⁷, quando o autor se refere ao acoplamento com as condições de um Capitalismo Mundial Integrado (CMI), que como máquina, inscreve e reescreve subjetivamente as condições de produção de subjetividade em manutenção do status vigente.

Encontramos em Marcellino (1996), alguns sinalizadores para a lógica da complexidade. Um exemplo disso é apresentado no seguinte trecho: “Os vários interesses que as aspirações pela prática do Lazer envolvem, formam um todo interligado e não constituído por partes estanques.” (Marcellino, 1996, p.17). Marcellino, como um dos precursores dos estudos sobre o Lazer no Brasil, neste trecho, parece apresentar uma pista importante para o que trazemos aqui como variações sobre o Lazer. No trecho, o autor apresenta uma característica eminente sobre o Lazer, seu caráter descontinuado, dissipativo e indefinido em essência.

Nos estudos do autor (Marcellino, 1996), ficam claras as condições sociais significativas para o universo de conhecimento do Lazer. Mesmo assim, o autor deixa claro um caráter de completude, não somente relacionado aos estudos sobre o Lazer, mas que transversaliza os acontecimentos vinculados às atividades de lazer e, conseqüentemente, o próprio Lazer em si.

Para nós, esses aspectos são sinalizadores do caráter holístico inerente ao Lazer. Esse Holismo, como apresentado por Crema (1989), é o reconhecimento do caráter de completude inalcançável, mas considerado como vislumbre para a percepção dos fenômenos estudados. No caso do lazer, a dimensão holística é intrínseca e passível de ser compreendida, na percepção de que, nas múltiplas facetas apresentadas ao se estudar o lazer, há recorrência de fluxos de múltiplos movimentos, captados e não captados

⁷ Guattari (1985) apresenta a ideia de Capitalismo Mundial Integrado como sendo uma colonização de poder cristalizado em condições subjetivas de controle.

pelos olhares dos pesquisadores em um determinado momento. Reconhecemos, aqui, portanto, a condição de trama complexa do Lazer, que nos remete a pensar no Lazer-Trama, como derivação dos conceitos de Comunicação-Trama e Turismo-Trama, de Baptista (2021a).

Nesse sentido, é interessante a abordagem de Gomes (2008; 2023), corroborada por Carvalho e Vargas (2010), sinalizando para alguns aspectos de conflito, nos estudos de Lazer. Isso se apresenta, segundo Gomes (2023), mesmo na corrente “favorável” a esses estudos, gerando certa dificuldade argumentativa pró universo de estudos sobre o Lazer.

Ainda assim, esses estudos brotaram e se constituíram como epistemologicamente importantes nas relações de estudos sociais e humanos. Um importante e expoente exemplo disso são os trabalhos dos autores Marcellino (1996) e Camargo (2019), referidos por Silva *et al.* (2017), como precursores da aplicação da teoria da Dádiva de Mauss (2002). Estes trabalhos passaram por derivas e diferenciações e contribuíram para o desenvolvimento desse universo de estudos. Parece-nos que houve certa marca da teoria da Dádiva, como significativa para as características de estudos sociológicos sobre o universo de conhecimento do Lazer.

Temos, para autores como Silva *et al.* (2017), o reconhecimento das importantes contribuições dos estudos de Mauss em “O ensaio sobre a Dádiva”, como derivações para os estudos de Hospitalidade e Lazer, em muito encampados por Camargo e Marcellino respectivamente no Brasil.

No caso do lazer, tema que nos toca neste momento, a orientação “dar; receber; retribuir”, é dinâmica de justificativa relacional que está implícita no lazer como ato de socialização bem definido pelos estudos de Dumazedier e Marcellino como apresentado por Silva *et al.* (2017).

Silva *et al.* (2017), no entanto, sinalizam para um cuidado, para que os estudos sobre o Lazer não se restrinjam à modelização limitante de vivências específicas. Para nós, essa sinalização é importante na proposição de percepções ampliadoras de sentido para os estudos do Lazer.

O incentivo do mercado e da mídia ao consumo de atividades e produtos relacionados ao contexto do lazer é uma forma de reforço para que os sujeitos sejam meros consumidores de mercadorias, não havendo muitas vezes um processo de educação e conscientização para que os sujeitos se tornem construtores de novos valores em benefício do coletivo, da sociabilidade, da relação com o outro, contribuindo assim, com seu próprio desenvolvimento pessoal. (Silva *et al.*, 2017 p. 159).

Assim, é possível perceber que até mesmo certo grau de estruturação sobre a lógica da Dádiva, de Mauss (2002), precisa ser pensado criticamente. Parece-nos que, subjetivamente, nessa lógica, estão sendo criadas condições de sobreposição da produção desejante do sujeito, em conformidade com uma lógica dominante, direcionando-a à captura do desejo, como apresentada por Guattari (1985).

Sobre essa captura, os sentidos do desejo precisam ser não só respeitados, mas incentivados, em direção a uma ampliação de pensamento e da liberalização da sua natureza de brotação espontânea. Na prática, a captura do desejo vem sendo comum nas atividades de lazer, orientando o que é lazer ou não, o que é turismo ou não, de acordo com a manutenção e o benefício do poder do Capitalismo Mundial Integrado, que transversaliza as práticas de lazer.

A transversalização dos múltiplos ecossistemas relacionados às práticas de viagens e lazer é sistematicamente marcada por uma série de variáveis, que, às vezes, não aparentam tocar essa realidade, mas tocam. Sendo assim, muitas vezes os problemas sociais de lazer interferem no universo das viagens e vice-versa. Isso demonstra o caráter holístico e transitivo complexo de inter-relação ecossistêmica que apresenta variações sobre o lazer.

Gomes (2023) apresenta, na trama sobre os estudos sobre o Lazer, os diversos movimentos e correntes. A autora sinaliza algumas preocupações principais: a relação com o tempo (ócio X trabalho); a relação com a ocupação do tempo livre; a condição como uma experiência subjetiva; e como uma dimensão da Cultura.

As variações sobre o lazer aparecem na sinalização de que essas múltiplas preocupações, de fato, o constituem como universo complexo de conhecimento, saberes e fazeres. Ainda assim, cabe ressaltar que nos interessam, neste texto, particularmente, os elementos de privação e ou potencialização que podem aparecer ou ser contrapostos, nas dinâmicas de existência do lazer. Aqui, podemos destacar que entre os elementos de privação está a dimensão hedonística do Lazer. Parece-nos que, de alguma forma, a condição hedonística do Lazer vem sendo desconsiderada, como um dos elementos de importância sobre as discussões e sentidos apresentados para ele. O ponto é que, como aparece no texto de Gomes (2023), em muitos momentos, as teorias tocaram o prazer como elemento representativo da produção do lazer, e mesmo para os praticantes, o prazer aparece como algo que sinaliza e significa suas compreensões sobre o lazer.

Trata-se de perceber que em alguma medida, para algumas pessoas, a condição de prazer sentido e afetivação se perde na construção de desejo, dando lugar a uma captura que priva para poder fazer parte, de uma sociedade que capitalisticamente segrega na ordem do desejo.

Gomes (2023) apresenta a condição de ser lícito, como característica etimológica da palavra lazer. Trata-se de uma matriz que vincula a expressão a uma condição de direito, do que é permitido e do que não é. O problema é que a imbricação do lazer em uma sociedade tomada por ideias católicas de moral, somadas a condições de romantismo, podem ter produzido um cenário em que a condição hedonística de deleite do prazer e do gozar desejante tenha se perdido no sentido do permitido.

Além disso, Gomes (2023) ressalta que essa demonstração de juízo de valor, coloca a ideia de lazer como um possível tipo de controle social, mas controle de quem? Para quem? E por quem? E contra quem? Como próprio do caráter complexo investido nessa atividade, entendemos que a resposta seja: ‘depende’. Indiscutivelmente, entretanto, a condição de captura do desejo está no lazer, a partir das dinâmicas de controle subjetivo do Capitalismo Mundial Integrado.

Parece-nos que precisa ser retomado, para o lazer, a condição de brotação de vida como apresentado pela metáfora de Baptista (1996), a partir da Comunicação. Trata-se de compreender a lógica do lazer, não como algo que precise ser validado ou que seja passível de ser criticado como relacionado a sujeitos ‘perdidos’, mas como potencialidade de fruição do desejo, de condição desejante geradora de vida, para sujeitos e lugares.

Nos valem da metáfora de Baptista (1996), para aproximar a condição prazer/lazer, tendo como objetivo a produção de (auto)transpoiese de lugares e sujeitos. No texto, a autora apresenta, a partir da Comunicação, a metáfora mãe para falar da comunicação em telenovela como brotação de vida a partir do desejo, em contraponto à comunicação do sindicato dos metalúrgicos, como metáfora pai, para falar da condição restrita e associada à falta com que é tratada comunicação dessas entidades.

Interessa-nos aqui, a aproximação da metáfora mãe como uma retomada de sentido em aproximação com o prazer para pensar o lazer. Isso significa perceber que, no Lazer pensado a partir das estruturas, há a possibilidade de negligência da condição de brotação vida, metáfora mãe, escondida sob o prisma da variação de lazer alinhada com a metáfora pai, rígida e condicionada pela falta.

Desse reconhecimento, entendemos que, dos becos e vielas da favela, é possível perceber a existência de variações sobre o lazer, que primam pelo prazer como condição

de brotação da vida. Trata-se de reconhecer a potencialidade da fruição viagem contida na metáfora mãe, como potência de brotação de vida, condição de (auto)transpoiese, em variações sobre o lazer que reconhecem a subjetividade das experiências desde sua constituição cognitiva.

Entendemos que, então, para uma retomada e ampliação das discussões sobre o lazer, o caráter hedonístico do desejo pelo prazer, do prazer de desejar, seja ressignificado, repensado. E é dessa ordem (ou desordem) de desejo que vamos falar a seguir.

Desejo e Lazer: Variações entre Becos e Vielas

Partimos, então, em direção da discussão da metáfora mãe apresentada por Baptista (1996), em busca de uma cartografia na lógica do devir e seu significado para a compressão de desejo apresentada por Deleuze e Guattari (2004). Segundo os autores, o desejo como entendido a partir da falta, em Psicanálise, condena subjetivamente o sujeito em uma paralisação, que negligencia e condiciona a potência da vida em fruição.

De outra forma, a percepção da proposta esquizoanalítica de Deleuze e Guattari (2004), reconhece a possibilidade da falta como dinâmica desejante, mas não restringe nela a única possibilidade de agenciamento do desejo. Ao contrário, os autores ampliam o sentido a partir dessa percepção, contrapondo-se à ideia de falta como condição paralisante associada à captura do desejo.

Essa contraposição se faz em um movimento que ressignifica a potencialidade do sujeito na ultrapassagem da condição de falta, com o agenciamento de uma fruição de movimentos em direção ao gozo pelo ato de desejar. Explicando de outra forma, há aqui uma dualidade representativa no lazer e no prazer, a partir do sentido escolhido

para pensar o desejo. De um lado, a Psicanálise que defende a constituição do desejo como falta, e, de outro, a Esquizoanálise que propõe o desejo como potência.

Na Esquizoanálise, Deleuze e Guattari (2004) apresentam os movimentos do desejo como sendo decorrentes da potência, em processos de desterritorialização, simulação e reterritorialização. Eles explicam que há uma transversalização de acoplamentos, por parte do sujeito, com máquinas e maquinismos⁸. Desse modo, não há como o desejo ficar restrito ao inconsciente. Quando identificamos essa possibilidade de restrição, para algumas fruições, percebemos a captura do desejo, servindo a uma condição fantasiosa, criada a partir do acoplamento com o Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1985), que se dedica à manutenção de poder dessa grande engrenagem.

Por conta disso, propomos aqui olhar para outra condição desejante e de variação, alinhando à retomada do lazer associado ao prazer, como variações em direção ao devir desejante e (auto)transpoietico.

Acreditamos que essas variações entremeadas constituem, para muitos, a potência de brotação de vida, como é o caso da brotação espontânea entre os becos e vielas da favela. A percepção deriva da constatação apresentada por Guattari (1985), em associação com a metáfora mãe de Baptista (1996), na compreensão de que a oposição do homem X mulher serve como uma condição estanque que restringe modelizações em determinadas genealogias. Para o autor (Guattari, 1985 p.36):

De modo mais geral, toda organização "dissidente" da libido deve assim compartilhar de um devir corpo feminino, como linha de fuga do *socius* repressivo, como acesso possível a um "mínimo" de devir sexuado, e como última tábua de salvação, frente a ordem estabelecida. Se insisto nesse ponto é porque o devir corpo feminino não deve ser assimilado a categoria "mulher" tal como ela é considerada no casal, na família, etc. Tal categoria, aliás, só existe num campo social particular que a define! Não há mulher em

⁸ No caso aqui, máquinas como são apresentadas por Deleuze e Guattari (2004), ou seja, em sua dimensão de acoplamentos e transversalizações plurais, que se materializam como agenciadores no universo existencial, nesse caso, do desejo ou da condição desejante. Não são necessariamente máquinas físicas, materiais; podem ser máquinas abstratas, potentes, também produtoras de subjetividade.

si! Não há pólo materno, nem eterno feminino... A oposição homem/mulher serve para fundar a ordem social, antes das oposições de classe, de casta, etc. Inversamente, tudo o que quebra as normas, tudo o que rompe com a ordem estabelecida, tem algo a ver com o homossexualismo ou com um devir animal, um devir mulher, etc. Toda semiotização em ruptura implica numa sexualização em ruptura. Não se deve, portanto, a meu ver, colocar a questão dos escritores homossexuais, mas sim procurar o que há de homossexual em um grande escritor, mesmo que ele seja, além disso, heterossexual.

Pelas reflexões de Guattari (1985), podemos perceber que alguns agenciamentos de produção do desejo inscrevem-se em linhas de fuga, ou seja, ‘caminhos desejanter’ em direção ao devir. Caminhos que se escapam aos caminhos condicionados pela lógica do poder. Esses caminhos desejanter não se restringem às estruturas segregatórias que estão a serviço do Capitalismo Mundial Integrado.

Guattari (1985) apresentou como metáfora a essas linhas de fuga, a ideia de ‘devir mulher’, ressaltada no destaque anterior e que, aqui, aproximamos da Metáfora mãe de Baptista (1996). Esse devir aqui se inscreve como a condição de variação do lazer, para além das estruturas, em um movimento desejanter que se insinua nas variações sobre o prazer e, por vezes, é tratado como libertinagem, contra a moral e os bons costumes.

Dessa forma, a favela e seus caminhares, entre becos e vielas, por vezes são taxados, estigmatizados, como faces que fogem a essa lógica moralizante, justamente por fazer brotar essas variações sobre o lazer. O alinhamento com a lógica hedonista, de reconhecimento dos movimentos do próprio desejo, proporciona aos sujeitos da favela potencialidades de vislumbres de prazer no lazer.

Assim, o desejo favelado pelo lazer deriva, entre becos e vielas, reconhecendo os movimentos de parada/becos, vislumbre e fruição viela, como a forma possível de transitar e fazer mover os próprios desejos, em sentido ampliado como apresentado na introdução deste trabalho. Disso decorre a capacidade de fazer brotar em condição de intempérie, uma roda de samba, um desfile, um baile *funk*, fazer brotar vida.

Desse modo, o lazer na favela se insinua, a partir dessas condições de vida, como linhas de fuga daquilo que é segregado, negado e, por vezes, capturado dos sujeitos de favela, como formas de negação de acesso a espaços, equipamentos culturais, elementos de viagem, de turismo, equipamentos de lazer.

Como sinalizado na música anteriormente apresentada em paráfrase, trago a seguir a letra da canção ampliada, a fim de apresentar sinalizadores de como essas variações desejantes sobre o lazer aparecem:

Então vem, vem, vem
Pra minha laje, vem cá
Pode até não ter visão pro mar
Mas prometo que nós toca o céu
É que eu não sei, eu 'tava pensando e talvez
A gente podia sumir e buscar um lugar pra ficar[...]
É sobrenatural o que a gente criou
O que não se explicava, hoje chamamos de amor
Tentei tantas vezes
Me contentar com pouco
Isso que é o mais louco
Poder viver com alguém que faz transbordar[...]
Sinto que falta uma peça, a vida tem dessas [...]
To aprendendo a lidar com a falta
E hoje a ressaca só não dói mais que o peito[...]
(Bob do contra *et al.* 2018)



Aprendemos a falar de amor como quem conta a condição desejante de poder dizer que ama, para além de tudo aquilo que é negado, o amor não nos pode ser negado. Da mesma forma, a fruição sobre a própria sexualidade emerge como a potência de produzir de si as próprias formas de existência, brotação de vida, controle sobre o próprio corpo, daquilo que da matriz do latim do que é lícito (Gomes, 2023), não se aplica nas variações de um povo que aprende a viver entre becos e vielas, a fazer brotar em território de intempérie.

Além disso, percebe-se que, das linhas poéticas de uma música que se apresenta para falar de amor, surgem elementos como, “aprendendo a lidar com a falta” e “isso que é o mais louco, poder viver com alguém que faz transbordar”. Esses trechos podem

significar a representação da passagem do desejo como falta, e o ‘transbordo’, o excesso que orienta para além da estagnação naquilo que falta.

Percebam que, quando cantamos isso, cantamos como quem convida para a própria laje, para que entendam que muito disso é escolha e não falta, ainda que muita coisa também falte. Trata-se de poder fazer fruir condições de existência “usina de produção”, como apresentado por Baptista (Baptista; Eme, 2023), de maquinismos que não se restrinjam a seus acoplamentos capitalísticos, sem negá-los, mas superando-os em direção às próprias variações sobre seus prazeres.

Como diz a canção:

Amor, me perdoa se às vezes eu surto
Tirando essas ondas que eu curto
E não lembro de voltar
Você sabe bem, minha doce alma gêmea
Quem tem a alma boemia
Não consegue segurar
É que o samba pega que nem feitiço
E quando me pega, eu enguiço
Só saio quando acabar
Eu vou pra Gamboa, e de lá vou pra Lapa
Aí o bom senso me escapa
Amor, eu não sei como evitar
Eu subo a colina e, pra minha surpresa
Alguém diz em Santa Tereza
Que o dia já vai clarear
Morro dos prazeres que você me dá
Quando eu não sair de marola, eu vou te levar
Você dorme cedo, e eu só vou deitar
Quando dou o tom da viola pro galo cantar
Morro dos prazeres que você me dá
Quando eu não sair de marola, eu vou te levar
Você dorme cedo, e eu só vou deitar
Quando dou o tom na viola pro galo cantar (Ai, amor)
(Toninho Geraes, 2009)



Morro dos prazeres, favela no centro do Rio de Janeiro, é usado aqui como recurso poético para descrever variações de lazer desejante de um sujeito que conta esquizograficamente seus fazeres, seus prazeres, suas vivências e vislumbres fractais de uma existência esquizo tramada.

Essa música dá o tom do desenvolvimento de um lazer que aqui é chamado de trama por suas variações, que não necessariamente tem uma linearidade. Essas

variações são dissipativas, acometidas por certo grau de acaso, na expectativa de quem as vivencia. Trata-se do reconhecimento de que, além da fachada⁹, apresentada como “as rodas de samba do Rio de Janeiro”, por exemplo, existe, no avesso da estética desse elemento de lazer, uma trama de saberes e fazeres que condicionam a existência dessa prática de lazer, por vezes negligenciada, mas igualmente importante (Baptista, 2021a). Aqui, Fachadas e Avessos são tratados como dimensões contrapostas no turismo e no lazer. Nas fachadas, está a configuração mais visível, arquitetada com ênfase em materialidades e priorização do capital, do retorno financeiro. Nos avessos, está a trama complexa de existência dos ecossistemas turísticos-comunicacionais-subjetivos, e que aqui transpomos para o Lazer.

Esses avessos do que midiaticamente ‘é vendido’, apresentado como a estética ética do lazer, muitas vezes é beco para quem da favela se vê impedido de produzir nessa direção, nessa condição. Camilo (2011) apresenta uma discussão muito interessante sobre as práticas de lazer de uma favela carioca, que faz emergir questões de identificação social, higienização social das favelas, através da negação do acesso a espaços de lazer de fachada.

Da mesma forma, a autora apresenta como dessa dinâmica de negação e muitas vezes segregação, os sujeitos favelados fazem brotar essencialidades próprias em suas práticas, saberes e fazeres, relacionados à fruição de lazer desejante (Camilo, 2011). Entendemos que, da mesma forma que o *funk* hoje se apresenta como elemento de significação de vislumbre viela, dos avessos do lazer, outrora isso surgia e emergia através dos bailes ‘charme’, das rodas de samba, do Carnaval.

⁹ Aqui, Fachadas e Avessos são tratados como dimensões contrapostas de Turismo e de lazer etc. Nas fachadas, está a configuração mais visível, arquitetada com ênfase em materialidades e priorização do capital, do retorno financeiro. Nos avessos, está a trama complexa de existência dos ecossistemas turísticos - comunicacionais - subjetivos, segundo Baptista (2021a), o que aqui transpomos para o Lazer.

Esses elementos - alguns característicos e ‘vendidos ’como o ‘lazer ’do Rio de Janeiro - na verdade, são a insurgência das tramas do avesso, alcançando lugares de fachada. Eles estão se tornando ‘lícitos ’como as variações hoje aceitas e que se acoplam ao Capitalismo Mundial Integrado. Hoje, eles são tomados e servem, a manutenção do CMI, negando e negligenciando acesso aos que constituem sua trama no avesso.

Ainda que não utilizemos aqui a terminologia com a qual alguns autores como Camilo (2011) e Pessoa *et al.* (2023) trabalham, eles têm pesquisas que apresentam, a partir das bases de dados, considerações ilustrativas sobre os temas ‘Lazer ’e ‘periferia ’ –que aqui consideramos mais coerente tratar como favela. No texto de Camilo, encontramos elementos descritivos importantes sobre como, sociologicamente, o lazer aparece na favela; e no texto de Pessoa *et al.* (2023), é possível perceber da análise bibliográfica, a maneira como o lazer e a favela vêm sendo trabalhados em periódicos específicos da área de estudos do Lazer.

Pode-se perceber, a partir do estudo de Pessoa *et al.* (2023), a pouca inserção da temática visto a quantidade de trabalhos encontrados. Além disso, os autores ressaltam as dificuldades encontradas pela periferia, no sentido de usufruírem de políticas públicas, equipamentos de lazer e cultura que a própria cidade dispõe.

Aqui demonstramos um pouco disso, a partir de histórias que emergem nas nossas próprias vivências, nas nossas conversas em que convergem a experiência como favelado de um dos autores, nas relações e ‘com-versações ’constituídas entre autores que escrevem e produzem o que desejam como variações de lazer e prazer.

Contamos e ‘com-versamos’, como exemplo, dinâmicas sobre a turma da U.V.A (União de Vagabundos Anônimos) de Santa Margarida, Cosmos, Rio de Janeiro – RJ. Esse grupo, da década de 1970, era constituído inicialmente por jovens, jovens adultos e

algumas crianças, irmãs, amigos e vizinhos dessa favela do Rio de Janeiro. Na época, esses jovens se reuniam para conversar em uma esquina específica da favela, que posteriormente viria a ser conhecida até os dias de hoje como a esquina da U.V.A. O grupo, na sua constituição, buscava na interação social, poder proporcionar, produzir, fazer fruir o desejo pelo lazer em suas variações. Isso se verificava, ainda que, na lógica de jovens favelados, economicamente era inviável conseguir produzir movimentos de lazer em equipamentos de difícil acesso, ou pela distância ou pela necessidade do recurso financeiro.

Dos becos de vida encontrados por esse grupo, existem hoje narrativas, contações e considerações que formaram os sujeitos do grupo como cidadãos e, ao mesmo tempo, ajudam a contar a história, não só dessa favela, mas também dos jovens hoje inseridos nessa favela, e vivendo suas próprias condições de intempérie.

Essa percepção decorre da possibilidade de um encontro com alguns remanescentes desse grupo, em quem dentre as muitas narrativas ouvidas e sentidas, algumas delas nos tocaram, na dinâmica que estamos refletindo aqui, nas condições do devir mulher, do lazer-trama desejante e esquizográfico. Desse encontro, tivemos o contato com narrativas que apresentavam uma certa brincadeira com as atitudes revolucionárias, o possível para entrar sem pagar nas festas que aconteciam no bairro; ir caminhando em grupo para festas em outros bairros, por dificuldade ou falta de recursos para acesso a meios de transportes; a criação de ‘vaquinhas’ com a comunidade e produção de serviços, para conseguir dinheiro para em grupo participar de torneios de futebol, danças juninas, ou eventos em outros bairros; o comportamento de grupo para acessar lugares, outros territórios que não compreendiam como esse grupo de jovens era capaz de conseguir se fazer presente, tão potente, e tão unido.

Uma das narrativas demonstra a dinâmica de variação de prazeres sobre os desejos que apresentam esquizograficamente as variações do lazer-trama a partir da Turma da U.V.A. O grupo era majoritariamente formado por meninos, na época, muito mais propensos socialmente a ter permissão para transitar fora de casa, entre becos e vielas.

Uma das festas, ou eventos comemorativos que esse grupo mais desejava participar, eram as competições de danças de festas de São João tradicionalmente existentes no Rio de Janeiro nos meses de junho e julho. O grande problema, entretanto, era que, para participar, além de pagar para competir, era necessário que houvesse o transporte para chegar ao local e que houvesse meninas para dançar em casais. Estes eram requisitos dos quais o grupo não dispunha.

Por conta disso, o grupo se organizou na favela, produziu um ‘livro de ouro’ (em que as pessoas assinavam o comprometimento de fazer doações para o grupo), convenceu o dono de um ônibus de transporte a levá-los para os eventos, e, na desconfiança de alguns pais de deixarem meninas participarem, decidiram eles mesmos se dividirem, parte vestidos de cavalheiros e partes vestidos de damas.

Aqueles que tinham irmãs ou primas, ou mesmo as meninas que teimavam com a família e ainda assim frequentavam o círculo da Turma da U.V.A, contribuíam com roupas e maquiagem. Esses eventos eram uma grande condição de devir, sem saber e sem considerar a competição como o mais importante, o que estava em jogo eram as condições de acesso, a oportunidade de participar, fazer valer e se fazer presente.

Um grande exemplo disso são as falas dos membros da turma. O grupo, que já tinha ganhado troféus de primeiro e terceiro lugar, ao ganhar uma competição pediu, para estar em segundo, para ter também o troféu dessa colocação. Esse momento é

lembrado, pois, nesse dia, os integrantes dizem que comemoraram mais do que qualquer vitória em competições que já tinham tido.

Os registros são de memórias, mas que fazem perceber e justificam lógicas de produção de linha de fuga, de variações de lazer associadas ao prazer esquizográfico, que produz, como marcas singulares, materializações como a foto a seguir:

Figura 1: Foto da Turma da U.V.A.



Fonte: Silva, Manoel Messias – Cedido aos autores em contato com o grupo.

Essas vivências deixam marcas de brotação de vida, ensinadas na favela e aos jovens de hoje para que esses transitem entre becos e vielas, podendo fazer fruir suas variações sobre o lazer, respeitando os prazeres desejantes. O filho de um desses jovens, pode hoje também ser autor deste texto, demonstrando que as brotações de desejo continuam gerando vida para os sujeitos da favela. Esse grupo reunido, só com pessoas que fizeram parte desses momentos, permitiu que algumas dessas narrativas fossem ouvidas e que fossem aqui contadas. A foto a seguir mostra o registro desse encontro:

Figura 2: Churrasco da Turma da U.V.A. – Santa Margarida – Cosmos – RJ



Fonte: Silva, Manoel Messias - Cedido aos autores em contato com o grupo.

Desse encontro, emergem sinalizadores, da constituição de sujeitos de favela, que do território de intempérie aprenderam a fazer brotar vida, a lidar com o trânsito entre becos e vielas, a partir da Esquina da U.V.A. Hoje, esses mesmos sujeitos produzem lazer e alegria, alguns no mesmo lugar, outros em lugares mais distantes, mas o que vale ainda é a associação para a brotação, para a produção de variações sobre o lazer e o desejo pelo prazer de desejar.

Considerações Finais

Este ensaio reflexivo, teve como objetivo apresentar a partir das Esquizografias da favela, base epistemológica para o lazer-trama, como variações sobre o lazer.

Apresentamos isso, a partir da Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas de Baptista (Baptista e Eme, 2023), em que as autoras apresentam orientações para pesquisas qualitativas mutantes, e organização do equilíbrio fluente, em quadros sínteses chamados de Matrizes Rizomáticas.

Orientamo-nos a partir da questão de pesquisa que foi: quais as variações sobre o lazer apresentadas nas Esquizografias de favela que justificam a lógica do lazer-trama? Para responder a essa questão, sinalizamos a partir da ideia de Esquizografias do lazer da favela, indícios de uma trama do avesso do lazer a partir da ideia de fachadas e avessos de Baptista (2021a).

Para a construção teórico reflexiva do estudo, fizemos um apanhado epistemológico a partir de Gomes (2023), discutindo a importância teórica de retomar condições de variação nos estudos do Lazer, entendendo que a dimensão prazer pode contribuir para uma busca hedonista numa corrente subjetiva de estudos dessa temática.

Percebemos, a partir de Rubem Alves (2011), a importância do reconhecimento do prazer como matriz de brotação de vida, do reconhecimento de si em suas dimensões subjetivas, afetivas e emocionais. Se trata de perceber que, mesmo na racionalidade, há um movimento de afetividade que direciona os andares em condições esquizo, fractais e dissipativas, como apresentado pela ideia de Esquizografias (Silva e Baptista, 2022) e que pode representar uma trama no lazer desde seu avesso.

Assim, consideramos que a dimensão desejante (Deleuze e Guattari, 2004), direciona para a percepção sobre a necessidade de variações de lazer para a manutenção de brotação de vida de lugares e sujeitos. Do lazer-trama da favela, das condições de intempérie, fazemos brotar, como a Turma da U.V.A., condições de vida e de lazer, no simples isopor, churrasco de domingo, calor de Bangu. Fazemos existir condições de

vida pelo ato de amar e ter prazer, como revolução às condições de intempérie. Sujeitos favelados que esquizograficamente inscrevem a trama do lazer, prazer e desejo.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Variações sobre o prazer**. São Paulo: Planeta, 2011.

BAPTISTA, M. L. C. **Comunicação**: trama de desejos e espelhos: os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato. Canoas: Editora da ULBRA, 1996.

BAPTISTA, M. L. C. Cartografia de Saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma ciência em mutação. **Revista Rosa dos Ventos**, v.6, n.3, p.342-355, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547041003.pdf> Acesso em: 20 jan. 2025.

BAPTISTA, M. L. C. O Averso do Turismo como proposição de Sinalizadores para o Futuro: reflexões ecossistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 258–271, 2021a. DOI: 10.26512/revistacenario.v9i3.34894. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/34894>. Acesso em: 8 fev. 2025.

BAPTISTA, M. L. C. Amorosidade, autopoiese e ‘com-versações’: a potência dos ‘entrelaços nós’ na educação e na ciência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2358–2378, 2021b. DOI: 10.21723/riace.v16i4.15676. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15676>. Acesso em: 8 fev. 2025.

BAPTISTA, M. L. C.; EME, J. B. Estratégias de ‘sobre-vivência’ metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023042, 2023. DOI: 10.21723/riace.v18i00.18206. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18206>. Acesso em: 8 fev. 2025.

BOB DO CONTRA; CESAR MC; KAYUÁ; ELANA DARA; PROJOTA; FROID; CYNTHIA LUZ; MV BILL; PINEAPPLE STORMTV. **Poesia Acústica #8: Amor e Samba**. Pinneapple storm tv, 2018. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2RoWhAVtQrPU53BERYlmYZ?autoplay=true> Acesso em: 6 fev. 2025.

CAMARGO, L. O. de L. Hospitalidade, turismo e lazer. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 1–15, 2019. DOI: 10.7784/rbtur.v13i3.1749. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1749>. Acesso em: 8 fev. 2025.

CAMILO, F. N. **As práticas de lazer em uma favela carioca**: reflexões sobre essencialismos, heterogeneidade e marcas de identificação social. 2011 Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,

Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil, 2011. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/8495/1/Fabiola%20Nascimento%20Camilo.pdf> . Acesso em: 8 fev. 2025.

CARVALHO, R. M. B.; VARGAS, A. O Contexto Histórico das Políticas Públicas de Lazer no Brasil. **Licere - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer**, Belo Horizonte, v. 13 n.14, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2010.793> . Acesso em: 8 fev. 2025.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística**. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

GOMES, C. M. Dumazedier e os estudos do lazer no Brasil: breve trajetória histórica. In: SEMINÁRIO LAZER EM DEBATE, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/download/49039992/1-dumazedier_e_os_estudos_do_lazer_no_brasil-_breve_trajetoria_historica_12.pdf Acesso em: 8 fev. 2025.

GOMES, C. L. **Frui vita - A alquimia do lazer**. Ponta Grodda: Atena, 2023.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2020.

PESSOA, V. L. F., RAMOS, D. S., PEREIRA, B. A., SILVA, L. P., FERREIRA, M. M. Lazer e Favela: Produção do Conhecimento em Periódicos Especializados. **Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 249–280, 2023. DOI: 10.35699/2447-6218.2023.48247. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/48247>. Acesso em: 8 fev. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do sul**. [S. l.]: Cortez Editora, 2010.

SILVA, R. L.; BAPTISTA, M. L. C. Esquizografias turísticas e Cartografia dos Saberes: Reflexões epistemológico-teóricas sobre pesquisa e ecossistemas turísticos. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território** , [S. l.], v. 10, n. 1, p. 45–56, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/40824>. Acesso em: 6 fev. 2025. DOI: 10.26512/revcenario.v10i1.40824

SILVA, R. L.; BAPTISTA, M. L. C. Narrativas e 'Com-versações 'de Favela: Dispositivos sensíveis e complexos para Viagens Investigativas em Turismo. **Revista Hipótese**, Bauru, v. 9, n. 00, p. e023008, 2023. DOI: 10.58980/eiaerh.v9i00.427. Disponível em: <https://revistahipoteses.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/427>. Acesso em: 6 fev. 2025.

SILVA, C. L.; FERNANDES, B. P. F.; SILVA, L. F.; SOUZA, M. F.; RIGONI, A. C. C.; SILVA, L. F. Contribuições de Marcel Mauss aos Estudos do Lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. p.154–166, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/514>. Acesso em: 8 fev. 2025.

TONINHO GERAES. **Alma boemia**. 2009, Acesso em 19 de abril de 2023 de <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1WlcZFEOAsYO3iOuZDkps8>

Endereço do(a) Autores(a):

Renan de Lima da Silva
Endereço eletrônico: renan.turismo@gmail.com

Maria Luiza Cardinale Baptista
Endereço eletrônico: malu@pazza.com.br